

26-1-1960

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### OS DA ILHA

HÁ ALGUNS anos atrás visitei a ilha Rasa — aquela que, de Copacabana, a gente vê lá fora com seu farol piscando — e contei que uma coisa que lá fazia mais falta era uma geladeira para conservar comida. Nesse tempo eu escrevia no “Correio da Manhã”, e o diretor do jornal, Paulo Bittencourt, comoveu-se com a crônica e, como era tempo de Natal, mandou uma geladeira de presente ao faroleiro. Tinha um motivo especial para se comover, pois certa vez o bom Presidente Bernardes achou que os jornalistas e outras figuras da oposição precisavam refrescar as idéias, e os mandou passar uma temporada a gozar os ventos da ilha; Paulo estava nesse lote.

Voltei à Rasa esta semana; com o radiofarol, sua população agora está aumentada. Ali vivem oito homens da Marinha — quatro civis e quatro militares, todos casados. As crianças são em número de dezessete, e o pouco que aprendem é o que nas horas vagas lhes ensina um sargento de boa-vontade. Os homens da ilha me falaram, com gratidão, de um médico de Copacabana, um Dr. Severo, dado a pescarias, que volta-e-meia aparece por lá, examina tôdas as crianças e leva amostras de remédios. Os casos urgentes são atendidos pela própria Marinha, que manda um helicóptero apanhar o doente. Uma vez por semana um barco da Marinha visita a ilha, levando mantimentos e o mais que fôr necessário; chega em geral pelas dez da manhã e volta pela uma da tarde. Fora disso a pequena aldeia de 33 almas vive no isolamento e no sossêgo.

A umas nove milhas ao sul da entrada da barra, a ilha controla tôda chegada e saída de navio. Além da luz de seu farol, a noite inteira a rondar sôbre as ondas, ela emite pelo rádio, noite e dia, o mesmo sinal — um *i* e um *h* — que todos os navegantes do ar e do mar conhecem bem e que os orienta desde pontos tão distantes como Vitória. Aquêles oito homens são intensamente úteis: são homens que velam pela segurança de outros homens perdidos entre as nuvens ou as espumas. Mas, isoladós ali, êles ficam quase sempre esquecidos; um menino não me disse, entre queixoso e divertido, que Papai Noel não visitou a ilha? (“Parece que êle tem medo do mar”).

Há uma sala grande, no escritório, onde todos poderiam ver a televisão; ninguém terá a idéia de lhes mandar um aparelho de presente?

O que os homens querem, sobretudo, é um barco — um barco pequeno, que possa ser içado no guindaste, e que lhes permitiria pescar, pois do rochedo quase só conseguem pegar peixes pequenos e perdem muito anzol nas pedras. Um dêles me disse: “Aquêles navios do Lloyd que estão no cemitério, no fundo da baía, têm cada baleeira forte...” Por falta de barco e dificuldade de isca êles muitas vêzes ficam semanas sem apanhar um peixe, comendo só carne-sêca ou carne-de-porco salgada.

E uma sugestão ao Ministro da Marinha: Por que não dar aos civis a etapa recebida pelos militares e que aumenta seu ganho em quarenta por cento?

Cabras, pitangueiras, umas galinhas, muito passarinho, e até inhambu, vento limpo do mar e sossêgo, de tudo há na ilha: menos um pouco de lembrança e de carinho da cidade grande, cujas luzes brilham lá longe, sedutoras.